

# Antropologia

(amplitude e finalidade desta ciência)

POR

**J. R. dos Santos Júnior**

Prof. de Antropologia da Universidade do Porto,  
em comissão de serviço na Universidade de Luanda — Angola

Lição de abertura do curso de Antropologia na  
Universidade de Luanda, em Outubro de 1970, e que,  
em homenagem e à memória do meu querido Mestre  
Prof. Mendes Correia,

O. D. C.

O homem é o resultado duma longa evolução que ele próprio nunca teve em mente ou projectou.

Essa evolução não foi o homem que a planeou a seu modo, orientou como entendeu, digamos, a realizou a seu bel-prazer. Nessa evolução, condicionada por múltiplas circunstâncias, umas de ordem externa, ambientais, outros de ordem interna, de natureza biológica, o homem foi o realizado, não o realizador.

Aos factores modeladores externos da acção do meio há, sem dúvida, que juntar os factores intrínsecos à própria natureza humana, nomeadamente os de ordem neuroendócrina. Porém, apesar disso, parece podermos afirmar que no processo da evolução ortogenética sofrido pelo homem, este foi o realizado, não o realizador.

O homem é uma porção modelada de matéria viva, um ser vivo, um animal, um Primata, com afinidades mais ou menos estreitas a tudo o que vive e a tudo o que é material.

Seria erro grosseiro considerar o homem apenas como um simples animal com a morfologia que lhe é própria.

Entre todas as formas de matéria e de vida que existem o homem ocupa uma posição especialíssima. Ele constitui a mais altamente diferenciada forma de matéria e energia até hoje conhecida.

É necessário reconhecer o seu parentesco com o resto do universo, analisando o que nele há de material. Mas a sua natureza essencial, até poderíamos dizer e exclusiva, é definida por atributos que lhe são próprios e que não se encontram em quaisquer outras formas de matéria ou de vida.

O homem nasce quando nasce uma nova forma de evolução enxertada na velha evolução orgânica, denominando-a, orientando-a no sentido da estruturação do *ser superior que fala, pensa, raciocina, distingue o bem do mal, ensina e aprende*.

Esta nova forma de evolução tem como fundamentos a faculdade de aprender e, ao mesmo tempo, a sua transmissão por herança.

O homem nasce quando surge a inteligência, permitindo flexibilidade de reacções. Estas no homem, de modo diverso do que sucede nos outros seres vivos, dependem menos das condições da sua estruturação física, do que do conhecimento, da aprendizagem, da percepção de novas situações, quer imediatas quer futuras.

O homem é o único ser vivo dotado da faculdade de prever, de projectar.

O homem faz planos para o futuro, tem finalidades na vida.

A flexibilidade da adaptação às circunstâncias traz, como consequência, o singular poder e a natural necessidade de escolha da atitude a tomar entre as várias possibilidades de reacção.

Quer dizer, essa flexibilidade determina o aparecimento do critério da escolha.

O sentido do bem e do mal, da justiça e da injustiça, são conceitos que criam no homem o sentido moral, base orgânica da estruturação das sociedades humanas, e daí a Antropologia ser a base da Sociologia.

O homem isolado pouco ou nada vale, o seu valor depende e está intrinsecamente ligado ao seu valor social.

A Antropologia (do grego *Anthropos*, homem e *logos*, tratado) é o tratado do Homem, ou seja, o ramo de saber que tem como finalidade estudar o Homem como membro duma sociedade.

Como é bem sabido há um grande número de ciências, ou ramos de saber, que estudam o Homem sob os mais variados aspectos.

Muitas destas ciências têm indiscutível individualidade, não só na sua finalidade e objectivos próprios, mas também pelo seu enorme desenvolvimento, e, muito especialmente, pelos métodos de trabalho que lhes são peculiares.

A Anatomia, a Fisiologia e a Psicologia humanas, a História, a Sociologia, a Linguística, a Geografia Humanas, a Economia Política, etc., estudam o Homem, cada uma em seu aspecto. Todas elas, sem dúvida, de inegável importância e marcado interesse.

Todas estas ciências conquistaram há muito, e a justo título, foros de merecida individualidade.

Todas elas estudam o Homem.

A Antropologia estuda-o também.

Se assim é, não haverá apenas sobreposição de conhecimentos e, portanto, desnecessário seria estruturar um novo corpo de doutrina, um novo ramo de ciência?

Vamos ver no decurso das nossas lições que assim não é.

A Antropologia é uma ciência bem individualizada de enorme âmbito de estudos sem dúvida, mas com finalidades bem estabelecidas, com métodos de trabalho particulares, é, numa palavra, uma ciência autónoma, servindo-se é certo de larga soma de conhecimentos de ciências subsidiárias, como aliás sucede com todas ou quase todas as ciências.

A esta ciência compete o estudo de todos os atributos humanos.

A Antropologia estuda o homem na sua morfologia externa (Somatologia), na estruturação interna (Anatomia Humana, Esplanchnologia), nas suas capacidades de ordem superior e intelectual (Filosofia, Psicologia Humana), nos problemas da origem do Homem e sua evolução, isto é, no estudo dos pré-hominídeos e homens fósseis (Paleontologia ou Paleontologia Humana), no estudo das civilizações (História, Política, Antropologia Social,

Sociologia), nas suas múltiplas capacidades de expressão e de comunicação (Linguística), nos múltiplos problemas ligados às necessidades vitais imediatas, comida, abrigo, propagação da espécie (Etnográfica ou Antropologia Cultural, Económica e Política), nos problemas de ordem superior que se ligam não só à origem e evolução da vida humana (Embriologia, Hereditariedade, Genética), mas também ao problema transcendente e aguilhoante de além-da-vida, do post-mortem (Religiões, Teologia).

Por tudo isto se vê que a Antropologia como disse o Prof. Rerez de Barradas <sup>(1)</sup> aspira ser a Biologia do género humano, ocupando-se de todos os problemas que afectam o Homem como ser vivo; do estudo das variações dos seus órgãos tanto externos como internos; das características de estatura, peso e pigmentação; dos fenómenos de hereditariedade tanto normal como patológica, das diferenças raciais, quer morfológicas quer fisiológicas; dos grupos sanguíneos e de outros aspectos da bioquímica humana; do estudo das constituições e temperamentos; dos efeitos da acção do meio sobre o corpo e sobre o espírito.

De tudo isto se ocupa a Antropologia, o que constitui matéria matéria vasta para o conhecimento do homem e do seu futuro biológico.

Há que, forçosamente restringir o âmbito desta multiplicidade de aspectos da vida do Homem, e assim a Antropologia procura estabelecer aquilo que em cada um dos aspectos fundamentais caracteriza os grupos humanos. Parte do estudo individual para formar as sínteses dos conjuntos humanos de vária gradação, raças, povos, castas, tribos, clãs, etc.

Há que limitar o âmbito do estudo das manifestações e capacidades vitais do homem, tantas elas são e algumas tão complexas.

Isso é forçoso para o conveniente apuro dos caracteres fundamentais definidores dos vários agrupamentos humanos.

No entanto nenhuma dessas manifestações ou capacidades é descurada.

---

(1) José Perez de Barradas, *Manual de Antropologia*, Madrid, 1946, pág. 18.

Tanto assim é que Imbelloni definiu Etnologia (sinónima de Antropologia) como o *estudo do humano, considerado sem restrição alguma, através de todos os tempos e de todos os povos.*

\*  
\*      \*

É amplo, como vimos, o campo dos estudos antropológicos. Por isso é que o Prof. Mendes Correia escreveu, e muito bem, «a Antropologia procura ascender a uma compreensão integral do Homem».

Embora nos pareça que uma justa definição de Antropologia a poderia dar cada um no fim do nosso curso, — e essa seria uma boa maneira de o fazer — começaremos no entanto por dar, de entrada, algumas definições de Antropologia, procurando estabelecer e justificar o amplo conceito duma Antropologia *lato sensu*.

Muitos têm sido os autores que têm dado definições de Antropologia. Vamos ver como alguns deles a definiram.

Para Quatrefages, Edwards e Prichard, a *Antropologia era a História Natural do Homem*, feita monogrâficamente como o faria um zoólogo que estudasse um animal.

Frasseto definiu-a como sendo a *Zoologia do Homem*.

Topinard no seu livro *d'Anthropologie* (1876) define-a como o *ramo da história natural que estuda o homem e as raças humanas*.

Broca, o grande Mestre francês, que é considerado como o pai da Antropologia, deu dela a seguinte definição: *é a ciência que tem por objecto o grupo humano, considerado no seu conjunto, nos seus pormenores e nas suas relações com o resto da natureza.*

Em qualquer destas definições, as duas primeiras lapidarmente concisas, parece-nos que não se observam os três atributos a que, por norma, deve satisfazer uma boa definição. Estes atributos são, como é sobejamente conhecido, a clareza, a precisão e a concisão. Atributos muitas vezes bem difíceis de congregar em justo equilíbrio, e tanto mais difficilmente quanto mais amplo for o campo dos estudos daquilo que se pretenda definir. E isto succede com a Antropologia.

O distinto antropologista espanhol Prof. Juan Comas, ilustre colega que há muitos anos ensina na Universidade do México, no seu livro *Manual de Antropologia Física* (1) a pág. 40 no capítulo «Definición de Antropología Física — Objectivos y fines» diz que a palavra antropologia se usa para expressar dois conceitos distintos, um lato e outro restrito.

Na América, diz, a Antropologia é considerada em sentido lato como a «ciência del hombre o más bien la ciencia comparativa del hombre, que trata de sus diferencias y causas de las mismas, em lo referente a estructura, función y otras manifestaciones de la humanidad, según el tiempo, variedad, lugar, e condición. Com essa amplitude, y a medida que se han acumulado datos al respecto, la Antropología há ido dividiéndose em distintas ramas, llegando a constituir ciencias independientes como son: Arqueología, Etnología y Etnografía, Linguística, Antropología Física, Paleoantropología, etc. Es así como se entiende y define en nuestro continente».

Quanto ao segundo conceito, isto é, no sentido restrito escreve, na pág. 41. «Por el contrario, em el Viejo Mundo la palabra antropologia se utiliza de modo restringido, limitado de manera exclusiva a la Antropología Física».

De facto assim tem sido em várias universidades europeias, mas não na Universidade do Porto, na Escola Antropológica ali criada pelo eminente Mestre, Prof. Mendes Correia, onde a Antropologia foi sempre considerada e estudada *lato sensu*.

Uma definição dada por Lehmann — Nitsche diz:

*A Antropologia é o estudo físico e psíquico do género humano, no ponto de vista comparado, isto é, comparativamente com os outros animais, e das raças humanas (primitivas e actuais) entre si.*

Nesta definição, põe-se em paralelo o psíquico com o físico ou somático. Deste modo se realça que a par do estudo do corpo há outras finalidades dos estudos antropológicos, das quais são de excepcional importância as manifestações espirituais, os fenómenos

---

(1) Juan Comas, *Manual de Antropología Física*, 2.<sup>a</sup> ed., editado pela Universidade Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, Sección de Antropología, México, 1966, 710 págs, 101 quadros numéricos e 122 figs.

de pensamento e de consciência do Homem, especialmente como expressão colectiva nos seus agregados populacionais, digamos como expressão global de cada grupo, e comparativa entre os vários grupos.

Buffon foi o primeiro a estabelecer divisões ou capítulos na Antropologia.

Segundo seu parecer os estudos antropológicos teriam como finalidade:

- a) O Homem em geral considerado como animal sob o ponto de vista morfológico e biológico em todas as idades.
- b) As raças: sua descrição, origem e cruzamentos.
- c) Comparação do Homem com os outros animais sob os pontos de vista físico e fisiológico; características do Homem, sua origem e sua posição na escala zoológica.

Sob esta tríplice finalidade dos estudos está implícita a divisão da Antropologia em três capítulos. A Antropologia Geral, e Antropologia Especial (a que nós hoje chamaríamos Raciologia) e a Antropologia Zoológica.

Pode afirmar-se que Buffon (1707-1788) foi o verdadeiro fundador da Antropologia, porquanto na sua obra monumental *Histoire générale et particulière des animaux*, começada a publicar em 1749, aborda assuntos de especial interesse antropológico, tais como: a) A espécie, sua existência e variações; b) Relações entre o homem e os animais; c) As raças humanas.

O Prof. Mendes Correia definiu também a Antropologia como sendo *a ciência que estuda os caracteres humanos, físicos e psíquicos, que tenham interesse sob o tríplice ponto de vista:*

- a) *posição do Homem na escala zoológica;*
- b) *origem do Homem e conhecimento dos primeiros hominídeos;*
- c) *classificação das raças, povos e tipos humanos.*

É uma definição ampla, em que se procura abranger a extensão e a profundidade dos estudos do Homem, quanto à origem e quanto à Sistemática.

Está certo.

Atentemos agora no nosso dualismo flagrante.

O Homem é um misto de matéria e de espírito, de corpo e de alma.

O corpo e a alma confundem-se como a forma e o mármore numa estátua, disse Carrel.

O grande filósofo e pensador Prof. Fidelino de Figueiredo, no seu livro *Música e Pensamento*, escreveu a pág. 59:

«O Homem é carne e osso, é sangue e nervo, é um pequeno mundo mortal que não quer morrer, e inventa expedientes para deter a voragem do tempo, em toda aquela trágica obstinação de que fala Unamuno em seu livro apocalíptico.»

A Antropologia, como já referi, procura ascender ao estudo integral do Homem.

Ora no estudo integral do Homem, como muito bem disse o Prof. Barahona Fernandes <sup>(1)</sup>, há que considerar o inorgânico, o biológico, o psicológico e o espiritual.

Sem o suporte da matéria não há vida; sem vida não há actividade de consciência nem agir mental; sem este não se pode conceber o espírito.

A matéria, a vida, a psique e o espírito constituem portanto a téttrade em que tem de se basear o estudo integral do homem.

E não há que atribuir maior ou menor importância a cada um dos quatro aspectos da personalidade humana, o inorgânico, o biológico, o psicológico e o espiritual.

São quatro coisas, quatro facetas, que se situam em planos diferentes hierarquicamente sobrepostos, mas com íntimas relações de dependência e estratificação categorial.

Cada um destes estratos, que são quatro, tem os seus caracteres próprios, apontados pelo Prof. Barahona Fernandes no seu trabalho que vamos seguindo.

---

(1) Barahona Fernandes, *Novas perspectivas da medicina*, Associação Espanhola para o progresso das Ciências, Lisboa, 1956, pág. 13.



- a) quantificação matemática e causalidade do inorgânico;
- b) estrutura finalista do biológico;
- c) intencionalidade compreensiva do psicológico;
- d) valores e normas de espírito quanto ao espiritual.

Mas aqueles estratos ou aspectos da personalidade humana interpenetram-se, estão ligados uns aos outros: quer dizer, matéria, vida, psique e espírito são interdependentes, estão concatenados.

Como disse o Prof. Barahona Fernandes, não se trata dum pluralismo que venha agravar o dualismo cartesiano, dissociando ainda mais as zonas do ser. Tampouco se trata dum isomorfismo de expressões categorialmente equivalentes.

Muito longe disso.

Cada um dos quatro aspectos da personalidade do Homem, o inorgânico, o biológico, o psicológico e o espiritual, são bem manifestações categorialmente diversas e diversamente estruturadas.

As quatro camadas ou estruturas assentam umas sobre as outras, estão ligadas entre si, constituindo o todo uno que é o Homem total, somático, vivo, com entendimento, inteligência, sensibilidade e vontade, com espiritualidade, sentido do bem e do mal, sentido da justiça, preocupação com os problemas da origem e do post-mortem, isto é, dotado de estruturação moral e religiosa.

O Homem, como escreveu o Prof. Santana Dionísio, «não se sabe bem se por natureza ou por esforço próprio, é um ser singularíssimo que não pode prescindir da terra nem do céu.

A par das necessidades terrenas de cada dia o Homem, de quando em quando, deixa de olhar a terra e volta a sua atenção para o alto».

Com os pés na terra e os olhos postos nas estrelas, com as necessidades vitais do dia a dia e com a tremenda e angustiante certeza da morte, com o seu viver individual em sucessão regular, com as suas obrigações sociais (viver é conviver) em atitudes de complexidade mais ou menos variável, o Homem é bem um ser singularíssimo.

A Antropologia anseia fazer o seu estudo e apreciação integral; a Antropologia é, por isso, a síntese das Ciências Humanas, a cúpula das Ciências do Homem.

A Medicina é uma ciência humana, como o são também a Filosofia, a Sociologia, a Política, a Filosofia, a Pedagogia, etc., etc. Cada uma destas ciências olha ou aprecia o Homem sob determinada faceta.

A Antropologia encara-o no conjunto, dos seus caracteres na sua totalidade: *é o estudo global, totipolar, do Homem, especialmente naquilo que define ou caracteriza os seus agrupamentos, raças, povos, tribos, clãs, castas, classes, etc.*

Depois disto podemos dizer que a Antropologia é a ciência que ascende à compreensão integral do Homem na sua estruturação e manifestações de ordem inorgânica, biológica, psicológica e espiritual, quer no indivíduo isolado, quer, e sobretudo, nos agrupamentos humanos (*Antropologia Social*).

E assim, e em esquema, poderá dizer-se:

A Antropologia estuda:

- a) A origem do Homem, pré-hominídeos e Homem Fóssil;
- b) A posição do Homem na escala zoológica;
- c) Os tipos humanos e a sua congregação em grupos, tais como raças, etnias, povos, tribos, classes, castas, clãs, etc.;
- d) Modos de viver e de sentir (usos e costumes, estilos ou normas de vida) dos vários grupos humanos.

Portanto é vasto o campo de trabalho da Antropologia.

As modernas tendências levam-na a desenvolver-se em ciência sintética, no seu empenho de abranger o estudo de todos os aspectos da vida do Homem, aspectos materiais, somáticos, psicológicos e espirituais.

A ciência do Homem deve ter em vista, como disse Alexis Carrel, o exame mais completo do nosso mundo interior, e dar-se conta de que cada parte do todo deve ser considerada em função do conjunto.

Consoante atrás se disse, o inorgânico, o material, está na base estrutural do Homem. Sem o suporte da matéria não há vida; sem esta não há actividade de consciência ou agir mental; sem este não se pode conceber o espírito.

O estudo do material, isto é do corpo ou soma, é feito pelos métodos quantitativos da Antropologia física ou Somática, tão exactos e tão necessários para a justa apreciação da forma.

O estudo do biológico, compreende a análise e apreciação das manifestações vitais em toda a sua complexidade, subordinadas não só a influências do mundo exterior, o meio ambiente, mas também a influências do nosso mundo interior, variações das secreções das glândulas endócrinas, da composição química de sangue, e de possíveis e inegáveis acções exercidas pelo espírito ou, se quisermos, pela alma.

São bem conhecidas as doenças psico-somáticas. Um choque ou traumatismo de ordem espiritual ou psíquica desencadeia, ou pode vir a determinar, alterações de maior ou menor gravidade, muitas vezes definidas por lesões de manifesta objectividade.

Citemos apenas o exemplo das úlceras de estômago tantas vezes na dependência estreita de perturbações de ordem psíquica.

As hormonas, produtos de elaboração das glândulas de secreção interna, regulam não só a morfologia (forma, crescimento, proporções), mas também as funções fisiológicas e a vida do espírito.

As alterações hormonais, sabemos-lo todos, acarretam modificações profundas não só na estrutura somática (a acromegalia, por exemplo, está em ligação com perturbações funcionais da hipófise) como também na vida psíquica, ou global do Homem.

Certas atitudes, comportamentos ou modos de ser do Homem podem ser resultantes de influências de duas naturezas: do meio ambiente físico, ou do meio social. Neste último caso podemos dizer que esses modos de comportamento foram determinados pelo exemplo ou são dele consequência.

O exemplo, repetido sucessivamente, cria a tradição, o «sempre assim foi», o «sempre assim se fez».

É claro que o facto inicialmente biológico, ou orgânico, que resulte do modo como a matéria viva do corpo do Homem reage e se adapta às influências de meio ambiente físico, pode transformar-se num facto histórico, tradicional, desde que seja transmitido pelo exemplo ou pelo ensino, e repetido pelo agregado social. Isto pode estar, e seguramente estará, na base de muitos aspectos da evolução humana, e pode ser a razão da hereditariedade de certos

caracteres adquiridos. Herança, por exemplo, pelo convívio, pela educação.

A Antropologia é não só o estudo do Homem como membro do reino animal mas também do seu comportamento como membro duma sociedade.

Ora uma das tarefas da Antropologia é, precisamente, estudar os modos de comportamento dos homens e averiguar se as suas manifestações de conduta são condicionadas, essencialmente, por causas orgânicas ou por causas apenas de ordem histórica, ditadas pela tradição.

À Antropologia compete interpretar e apreciar a valia e o ajuste destas duas forças dinamizantes, o orgânico e o social, o intrínseco ou biológico e o extrínseco ou educacional, na estruturação ou modelação do Homem, quer no aspecto somático, quer, e sobretudo, no psíquico.

As forças biológicas do orgânico, as acções de natureza ambiente sobre o Homem podem ser, e são-no quase sempre, propulsoras de diferenciação progressiva. Pelo contrário as forças históricas do social, das acções da educação sobre o Homem, nalguns casos podem ser, e muitas vezes são, frenadoras da diferenciação. São conservadoras pelo facto de, pelo exemplo, manterem o *statu quo ante*. Noutros casos podem ser progressivas e uniformizadoras, quando actuem sobre agrupamentos de nível cultural menos evoluído.

Importa investigar de que modo as modificações do meio ambiente vão influenciar, a fisiologia hormonal provocando desequilíbrios. Mas é bom não esquecer que o perfeito equilíbrio endócrino não é estranho ao espírito. Forças espirituais podem exercer acções excitadoras ou inibidoras sobre as glândulas de secreção internas.

O hipertiroidismo, tão frequente na actualidade, pode, talvez, considerar-se resultante do grau de civilização em que vivemos, do grau de intensidade da vida trepidante actual.

A Antropologia estuda o Homem, e, como tal é uma Ciência Natural, mas ao mesmo tempo é ciência do espírito, pelo que podemos, com Dilthey, considerá-la ligada à Psicologia e mesmo à Medicina, formando parte dum grupo de matérias chamadas por ele Ciências do Homem.

O antropologista, de acordo com as tendências modernas da Antropologia, tem de procurar ascender ao estudo integral do Homem. Deve estudar todas as facetas do ser humano tanto no aspecto corpóreo ou somático como na feição psíquica ou espiritual, e apreciar as suas relações mútuas para a constituição do todo vivo e pensante que é o Homem vivo, são e normal.

O antropologista moderno, consciente da amplitude do campo dos estudos antropológicos, deverá dizer com São Paulo:

«*Homo sum, et nihil humani a me alienum puto*»

\*  
\*      \*

O interesse dos estudos antropológicos é dia a dia crescente.

Com os autores americanos podemos dizer «*Antropology is coming up in the world*».

Este interesse é já tão grande, e com sinais tão claros de aumento progressivo, que há quem afirme que, na história da Ciência estamos a iniciar o vasto e importante capítulo das Ciências Humanas, das quais a Antropologia, como já dissemos atrás, é, como que, o remate cimeiro ou cúpula.

Infelizmente na última reforma das Faculdades de Ciências não foi dada à Antropologia o desenvolvimento que se impõe e a que têm jus por direito próprio.

Num reajustamento da reforma, que muito naturalmente terá que fazer-se, e felizmente já anunciada, haverá que atentar na extraordinária importância que actualmente têm as Ciências Humanas, e, repetimos, dar à Antropologia o desenvolvimento que se impõe e a que tem jus por direito próprio.

\*  
\*      \*

Seguindo o exemplo de muitas universidades estrangeiras, e especialmente das americanas, onde há muito existe o *Department of Anthropology and Sociology*, há que agregar a cadeira de Sociologia à Antropologia.

Em muitas universidades estrangeiras há um departamento com o nome mais genérico de grupo ou secção das *Ciências Humanas*.

Em tal secção se congregam um certo número de matérias em torno da Antropologia Geral.

Essas Matérias são, por assim dizer, ramos da Antropologia, cada dia que passa mais e mais desenvolvidos em ciências especializadas.

A Sociologia, essencialmente, é o estudo do inter-humano, ou seja dos fenómenos sociais que dizem respeito, especificamente, ao trato recíproco entre os homens, na sua organização em sociedade; é pois ciência eminentemente antropológica.

O grupo das Ciências Humanas em algumas universidades é constituído por Antropologia Geral, Antropobiologia, Antropologia Cultural ou Etnografia, Etnologia ou Raciologia, Antropogénese ou estudo dos problemas da origem e evolução do Homem, e ainda por Demografia ou Ciência da População, Genética Humana e Psicotecnia.

É por demais sabido que a maior riqueza de qualquer região é o seu elemento humano.

Importa conhecer em toda a largueza e profundidade as gentes da nossa nação pluricontinental e plurirracial.

É à Antropologia que compete tão nobre como importante e patriótica missão.

O antropologista, de acordo com as modernas tendências, tem de procurar ascender à compreensão integral do Homem.

Deve estudar as múltiplas facetas do ser humano, tanto no aspecto corpóreo ou somático, como nos seus estilos de vida e feição psíquica e espiritual. Tem de apreciar as relações mútuas dos homens uns com os outros, em convivência harmónica.

Importa que nas nossas Universidades seja criado o grupo das Ciências Humanas.

O Magnífico e experiente Reitor da Universidade de Luanda, Prof. Ivo Ferreira Soares, na exposição lida na sessão solene da inauguração do ano escolar de 1968-1969, disse: «Urge que formemos nós próprios os técnicos, convenientemente habilitados para

explorar nas melhores condições de rendimento, diamantes, petróleo, ferro e outros minerais».

Parafrazeando o ilustre Reitor direi: também é urgente que formemos nós próprios os antropologistas (*well rounded anthropologists*, como dizem os americanos) convenientemente habilitados para estudarem os portugueses que à sombra da nossa bandeira, vivem em quatro partes do mundo, e, no caso especial que presentemente nos ocupa, nesta portuguesíssima e portentosa província de Angola.

*Faculdade de Ciências, Universidade  
de Luanda — Outubro de 1970.*